

# Dante e o Humanismo: a Máquina do Mundo, o centramento do humano e a antecipação do humanismo renascentista na Comédia

## *Dante and Humanism: The Machine of the World, the Centering of the Human, and the Anticipation of Renaissance Humanism in the Comedy*

Danilo de Athayde

Universidade Federal da Bahia (UFBA) | Salvador | BA | BR

dani洛deathayde@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2356-6085>

**Resumo:** Neste artigo, analisa-se *A Divina Comédia* de Dante Alighieri, com ênfase na abertura da “Máquina do Mundo”, visando compreender as intersecções entre a obra e o emergente sentimento humanista na transição do Baixo Medievo para o Renascimento. A posição do ser humano no universo épico de Dante prefigura elementos fundamentais do humanismo renascentista, com sua jornada através do Inferno, Purgatório e Paraíso, sublinhando o papel do indivíduo como descobridor e conhecedor, porém admitindo uma dose altíssima de tensão entre o princípio racional e o princípio da fé e da revelação. A pesquisa se vale do conceito de “humanismo poético” como proposto pelo professor Dante Tringali e da ideia de desvelação/desocultação que se entende em sua tensão com a noção de revelação cristã e o conceito de verdade e memória expresso na ideia grega *alétheia* e comentado em seu sentido poético pelo professor Jaa Torrano. Tais chaves conceituais são lidas em relação ao conceito proposto de “entendimento humanista”. Conclui-se que Dante, na figura do Poeta, destaca-se como precursor dos ideais renascentistas, posicionando o humano como ator principal na compreensão divina e cósmica e antecipando alguns dos princípios que moldariam a modernidade.

**Palavras-chave:** Dante; Humanismo; Máquina do Mundo; Humanismo Poético; Entendimento Humanista.

**Abstract:** In this article, Dante Alighieri's *Comedy* is analyzed, with a focus on the opening of the “Machine of the World,” aiming to understand the intersections between the work and the emerging humanist sentiment during the transition from the Late Middle Ages to the Renaissance. The position of the human being in Dante's epic universe foreshadows fundamental elements of Renaissance humanism, with his

journey through Hell, Purgatory, and Paradise, emphasizing the role of the individual as a discoverer and knower, yet acknowledging a high degree of tension between the rational principle and the principle of faith and revelation. The research draws on the concept of “poetic humanism” as proposed by Professor Dante Tringali and the idea of unveiling/concealment in its tension with the notion of Christian revelation and the concept of truth and memory expressed in the Greek idea of alétheia and discussed in its poetic sense by Professor Jaa Torrano. These conceptual keys are read in relation to the proposed concept of “humanist understanding”. In the figure of the Poet, it is concluded that Dante stands out as a precursor to Renaissance ideals, positioning the human as the main actor in the divine and cosmic understanding and anticipating some of the principles that would shape modernity.

**Keywords:** Dante; Humanism; Machine of the World; Poetic Humanism; Humanist Understanding.

Ma per la vista che s'avvalorava  
in me guardando, una sola parvenza,  
mutandom' io, a me si travagliava.

Dante Alighieri (*Paraíso*)

## 1 Introdução

Quais circunstâncias levaram Dante, no seio do cristianismo medieval, regido pelo Tomismo<sup>1</sup> na ética e nas ciências, a conceber uma obra precursora do Renascimento e seus desdobramentos, fazendo-o assumir uma postura inédita ao centralizar a figura humana perante toda a arquitetura celestial?<sup>2</sup> Como sua grande alegoria da Máquina – que perfaz os últimos versos de sua epopeia de jornada pessoal – anunciaria ou abriria espaço para as ideias do humanismo aqui elencadas, ideias

<sup>1</sup> Conjunto das doutrinas teológicas e filosóficas do pensador italiano santo Tomás de Aquino (1225-1274), consideradas o ponto culminante do pensamento escolástico, e nas quais se destaca a busca de uma harmonia entre o racionalismo aristotélico e a tradição revelada do cristianismo.

<sup>2</sup> Este artigo foi escrito no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UIDB/00500/2020 – <https://doi.org/10.54499/UIDB/00500/2020>).

essas que começariam a ser mais claramente desenvolvidas e propagadas cerca de três séculos depois?

Caberá a nós tentarmos entender, especificamente, como a passagem da Máquina do Mundo se relaciona com a ideia vindoura do entendimento humanista, e porque Dante, em sua imponente figura de Poeta, ocupou lugar central como modelo dos escolásticos humanistas desde o Renascimento. Tentaremos entender, por exemplo, como o anseio humanista de Dante, presente na cena da Máquina, realiza o centramento do homem – no caso de *A Divina Comédia*, este homem é o próprio Dante – mas admite uma dose altíssima de tensão entre um princípio racional – que mais tarde será tomado como valor inequívoco a partir de adventos como o Renascimento e o Iluminismo – e o princípio da fé e da revelação. Assim, como já apontou o professor Dante Tringali, que viu em seu xará uma das mais fortes figuras do humanismo, embora um humanismo pessoal, o que ele chamou de “humanismo poético”:

Do ponto de vista do humanismo [...] dantesco, a racionalidade não esgota a natureza humana em toda a sua extensão e compreensão, só por só, não situa, de modo ímpar e inconfundível, o homem no concerto do universo (Dante Tringali, 1983, p. 90).

Também é importante analisarmos, brevemente, o profundo impacto que o humanismo teve na sociedade europeia durante o Renascimento. Esse movimento transformou os processos de pensamento de muitos europeus, alterando a maneira como essas pessoas se viam, viam suas próprias vidas e seu lugar no mundo. A literatura escrita na época do Renascimento largamente mostra a influência do humanismo nesta ordem social. Dante já era um proeminente escritor florentino, quando completou o *Inferno*<sup>3</sup> por volta de 1314 e, embora, tenha vivido antes da proliferação generalizada da ética do humanismo e dos escritos

<sup>3</sup> No decorrer desse texto, adotaremos três grafias distintas para as palavras “inferno”, “purgatório” e “paraíso” a fim de distinguir entre coisas diversas, nos exemplos: *Inferno*, grafado em itálico, iniciado em maiúscula, refere-se ao livro, tomo um, de *A Divina Comédia*; Inferno, sem itálico e iniciado em maiúscula, refere-se ao nome do lugar geográfico descrito; já, inferno, grafado em minúscula sem itálico, refere-se ao conceito religioso/abstrato do mesmo.

humanísticos na Europa, sua obra exibe muitos aspectos precursores e latentes do pensamento humanista posterior.<sup>4</sup>

Para entender como o humanismo permeia os temas e descrições encontrados na *Divina Comédia* é preciso primeiro compreender o conceito do humanismo renascentista. Este humanismo enfatizou tanto o estudo dos clássicos, quanto as “artes libertadoras” – no caso, artes libertadoras do eu, já que o humanismo pode ser, em última instância, tomado como o estudo do humano e seu eu.

O estudo da filosofia moral, história, gramática, retórica e poesia permitiu que os humanistas ampliassem sua concepção de mundo e do próprio eu, se tornando, assim, mais mundanos e mais individualizados. Enquanto, antes do Renascimento, os europeus se definiam majoritariamente como parte do coletivo, os humanistas começaram a se definir como indivíduos. Enquanto os pensadores medievais adotaram os ensinamentos da Igreja, os humanistas se distanciaram da Igreja, por seu intenso estudo dos clássicos e das artes liberais. Como resultado, os humanistas concentraram seus esforços no sentido de melhorar sua vida na Terra, antes de melhorar sua posição na vida após a morte. A busca pela libertação da mente através do estudo, juntamente com a precedência da vida sobre a vida após a morte, permitiu que os humanistas assumissem um maior controle de suas ideias e ações, em vez de se submeter à visão determinística pré-renascentista.

A *Divina Comédia* exibe a maioria desses aspectos do humanismo de alguma forma e em algum momento durante sua progressão. Durante todo o *Inferno*, Dante encontra uma ampla gama de personagens, todos com personalidades distintas e marcantes. Muitos desses personagens são aqueles com quem ele já esteve familiarizado e a decisão dele de colocar seus contemporâneos no Inferno, reflete, ironicamente, também

<sup>4</sup> Os efeitos posteriores do humanismo de Dante são evidentes, por exemplo, nos escritos de John Milton. Enquanto o Inferno exibe muitas qualidades a serem destacadas pelo humanismo, poder-se-ia analisar *Paradise Lost*, como ponto culminante dos efeitos que o humanismo teve na sociedade europeia cristã. Os escritos de ambos são produtos dos respectivos tempos em que foram escritos; Milton escreveu quase três séculos e meio depois de Dante, em uma sociedade distinta. Apesar dessas diferenças, tanto *A Divina Comédia* quanto o *Paraíso Perdido* exibem aspectos encontrados no humanismo, embora possam transmitir esses aspectos ao leitor de maneira muito diferente.

uma posição humanista, pois muito embora os eternize como merecedores do Inferno, Dante trata tanto seus amigos, quanto seus inimigos como indivíduos, detentores de falhas e virtudes particulares. Todos esses personagens têm personalidades distintas e o poeta os destaca do grupo coletivo de seus companheiros pecadores. Ele joga uma luz particular em personagens como Capaneus, Sir Brunetto Latino e Bertrand De Borne; descreve a figura poderosa de Farinata Degli Uberti, como se “ele parecesse desrespeitar todo o inferno”.

O poeta poderia facilmente ter atravessado o inferno, simplesmente descrevendo os castigos de cada grupo especificado de pecadores, porém os individualiza e humaniza. A escolha de Dante por distinguir membros de um grupo específico como indivíduos exibe seu processo individualista de pensamento.

## 2 O Humanismo Poético de Dante

Para o professor Tringali, assim como Cícero representou na Antiguidade um “humanismo retórico”, Dante representa na Idade Média o que ele chama de “humanismo poético”. Segundo o professor, ambos humanismos, retórico e poético, fundam-se nos ensinamentos de Aristóteles, que pregam que o aperfeiçoamento de um indivíduo se dá através da realização e do exercício, de modo mais exímio possível, daquilo que lhe é justamente específico e diferenciante. O humanismo aqui, portanto, pregará o exercício das qualidades e dos atributos específicos que constituem o humano como humano. Assim, podemos deduzir que, nesta concepção, haverá tantos tipos de humanismo, quanto diversas formas de se definir o que é o humano.

Nessa ótica, o humanismo não se ocupa, ainda, de supervalorizar o humano, mas contemplá-lo pelas suas características que o distinguem das demais criaturas. Para Dante, o que distingue exclusivamente o humano é que este, uma vez um animal racional, é portador de linguagem; ele fala. Aqui, o humanismo se aproxima do próprio cultivo da linguagem. Porém, ainda para o autor, mesmo a razão não esgota a natureza humana em toda sua extensão. Como visto anteriormente, nos dizeres do próprio Tringali, o poeta conceitualiza o homem como detentor de três naturezas

conflitantes: uma vegetal, uma animal e uma angélica, e *A Divina Comédia* dramatiza alegoricamente este conflito.

Famosamente, em seu canto de abertura do *Inferno*, o poeta nos diz que se encontra, no meio do caminho da sua vida, “no meio da nossa vida”, ou seja, aos 35 anos (no Medievo se acreditava que uma pessoa tinha reservado para si 70 anos de vida, sendo essa sua extensão ideal).<sup>5</sup> Continuando, Dante nos diz que, quando se encontrava perdido em “uma selva escura e selvagem” e logo quando, a duríssimas penas, consegue encontrar seu caminho de saída, vê sua passagem impedida por três feras: uma loba, uma pantera e um leão. Assim, o autor nos diz, de forma literal e, também, alegórica, que havia se desviado do reto caminho e representa, com a selva, o seu desencaminhar pela vida vegetativa, com os vícios latentes de se nutrir e se reproduzir e, com as feras, simboliza a vida sensitiva e seus desregramentos.

Para se arrepender e se salvar, Dante não se vale apenas da razão, alegoricamente representada por Virgílio, mas relaciona, inescapavelmente, essa à fé cristã, representada por Beatriz. O humanismo dantesco visa conciliar fé e razão, conciliar as escrituras e Aristóteles, cuja autoridade se faz sentir ainda como um imperativo intelectual, que irá permanecer por vários séculos. Nesse conflito, Dante atualiza, na Idade Média, valores pagãos e os lança para o advento do Renascimento.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> É interessante notar que, também aqui, na consideração acerca da idade, se faz presente a simbologia do trio. As três feras – leopardo, leão e lobo – comumente associadas respectivamente aos pecados da incontinência, violência e fraude também podem ser lidas como uma metáfora de idade, segundo a estudiosa e tradutora da Comédia, Dorothy Sayers. A extensão da vida humana, no medievo, é dividida em juventude, meia-idade e velhice. Quanto mais velho, mais sábio e consciente é a pessoa, portanto, na velhice, mais graves são os pecados. Quem os cometem mais sabe diferenciar o erro da verdade.

<sup>6</sup> Renascimento ou Renascença são termos que identificam um amplo período histórico, político, econômico e cultural europeu que surgiu no século XIV e se estendeu até o século XVII. Embora as transformações deste período sejam bem evidentes na sociedade, economia, religião e cultura caracterizando a transição do feudalismo para o capitalismo e significando uma superação das estruturas medievais, o termo é mais comumente empregado para descrever seus efeitos nas artes, nas ciências e filosofias.

### 3 Humanismo entre fé e razão. Humanismo da linguagem

Pois, a razão, por si só, não singulariza o humano por completo; ela o distingue dos demais animais, porém, não dos anjos. A razão, para Dante, é a parte mais nobre do humano, que com ele partilha as criações superiores, sendo a sua característica que o aproxima da divindade. É pelo uso da razão, que filósofos medievais como Tomás de Aquino e outros chamam o humano (ou homem, neste caso), de “animal divino”. Porém, se a razão não distingue por completo o humano, então, o que o faz? Para o poeta, é a linguagem que o particulariza.

Para o sumo poeta, assim como na Antiguidade para Cícero,<sup>7</sup> o que distingue de uma só vez o homem tanto dos anjos, como dos animais e vegetais é a linguagem. A racionalidade em si só é insuficiente para definir o homem no humanismo dantesco, justamente por ela ser, também, supra-humana. Portanto, qualquer definição do humanismo que centralize a razão, nestes termos, também deveria abarcar os anjos (convém, também, estabelecer que a existência dos anjos no contexto de Dante não se discute, pois é dada pela revelação e fé. Estes seres imateriais são criados por Deus sem número e agem como intermediários entre este e o mundo. Tomás de Aquino os conceitualiza como “ideias puras de Deus”, como pura vontade).

A linguagem é, para Dante, justamente, a ponte entre o animal e o angélico, aquilo que constitui o humano. Portanto, a linguagem pressupõe tanto o animalesco, como o racional. Assim, falamos, diria o poeta, justamente porque possuímos um corpo imanente e uma alma transcendente. Valemo-nos da linguagem e seus signos que são, a um só tempo, racionais e sensitivos.<sup>8</sup>

Os animais não possuem a linguagem, pois não possuem razão e sem esta não há a possibilidade da primeira. Já os anjos não a possuem, pois se encontram livre da animalidade, afinal, eles são “ideias puras”, não

<sup>7</sup> Em seu “*Dos Deveres*”, Cícero declara que aquilo que mais distancia o humano das feras é a linguagem, já que podemos encontrar outras características humanas nesses animais, como, por exemplo, a coragem. Para o filósofo, o primeiro vínculo do “conerto universal do gênero humano” (Cícero, *Dos deveres*, p. 28, Angélica Chiapeta) é a razão e a palavra.

<sup>8</sup> Dado pelos sentidos do corpo.

necessitando da comunicação material, mas apenas da ação. É o humano que necessita das palavras constituídas pelos sentidos e produzidas pelo corpo, pois o humano é uma alma e um corpo, e este corpo é opaco e necessita da ponte da linguagem para se comunicar.

Portanto, a linguagem é o centro do humano, a ponte que se estende entre duas naturezas distintas e é nessa extensão e tensão que encontramos o sentido do humanismo de Dante.

#### **4 Dante humanista, demasiado humano**

No meio deste conflito entre o animal e o angélico, entre o sensível e o espiritual está a própria figura humana de Dante e seu corpo. O poeta compõe uma epopeia pessoal – não somente a primeira escrita nesses termos, mas talvez a única a assim ser canonizada até os dias atuais, na qual não há o herói em sua busca pela glória histórica de um povo ou de uma nação, mas um homem com seu corpo físico transpassando toda geometria do cosmos, a fim de reencontrar o reto caminho e, também, o amor.

Ao colocar-se como centro da sua obra de pretensões imodestíssimas, Dante faz algo inédito até então, centralizando a figura do humano em suas considerações – sejam elas espirituais, estéticas ou sensuais. E Dante, a personagem, passeia com seu corpo físico pelas agruras terríveis e puramente animalescas do Inferno, mas também entre as ideias e criações inefáveis do Paraíso. E esse corpo se espanta, ri, chora, se desespera e desmaia de medo.

Dante desmaia não uma ou duas vezes em sua jornada de ascensão, mas vezes inúmeras, seja por terror, compaixão ou talvez pura e simplesmente por um colapso emocional e mental ao lidar diretamente com aquilo que largamente o ultrapassa. Pois, sua jornada é, também, inerentemente, uma jornada do corpo e dos sentidos, embora também seja do intelecto e do espírito. E é nesse percurso de aflição e revelação, tanto espiritual, como sensorial, que ele abre novos caminhos para a representação e consideração da figura do humano e seu alcance, semeando, assim, as ideias e sentimentos a serem amplamente cultivados pelos humanistas posteriores.

Como nos relata André Chastel em seu importante e extenso estudo sobre o Humanismo e seus desdobramentos, em Florença, após a era de Dante:<sup>9</sup>

(Os humanistas) Admiravam nela (na *Comédia*), antes de mais nada, a perfeita fusão da doutrina na poesia: o visível e o invisível se articulam em “formas representáveis” que figuram um universo inteiramente espiritualizado. A arquitetura da Comédia seria um dos problemas que viria a mobilizar os humanistas e os eruditos florentinos. Nesses edifícios de ideias, porém, é a sensibilidade que orienta tudo: como foi corretamente observado, a experiência estética comanda o desenvolvimento do poema: “As cores do Inferno são o vermelho, o amarelo e o preto, as do Purgatório, o cinza-claro e o verde, as do Paraíso, o branco e o cor-de-rosa”,<sup>10</sup> “no Inferno a orelha era o órgão mais ativo [...], no Purgatório (o poeta) passa pela prova do braseiro [...], no Paraíso, o olho é o intermediário essencial (Chastel, 2012, p. 173).

E continua a seguir:

A visão, alçada ao seu nível mais elevado, torna-se, principalmente no *Paraíso*, o órgão místico por excelência, apto a sugerir o inefável. [...] O que conta principalmente para os humanistas [...] é a figuração das paixões da alma tal como o poeta as fixou no Inferno, assim como os lentos percursos dos círculos do céu que faz do *Paraíso* uma iniciação poética à contemplação. Nesse sentido, a *Comédia* oferece a visão prototípica: o movimento que conduz da bestialidade terrestre às delícias da contemplação é o princípio exato da nova filosofia [...]. A *Comédia* tornava-se o receptáculo do saber moderno, e o *poeta theologus*, o herói espiritual do humanismo florentino (Chastel, 2012, p. 173-174).

<sup>9</sup> Seu estudo seminal é o *Arte e Humanismo em Florença*, editado no Brasil pela Cosac Naify, com tradução de Dorothée de Bruchard.

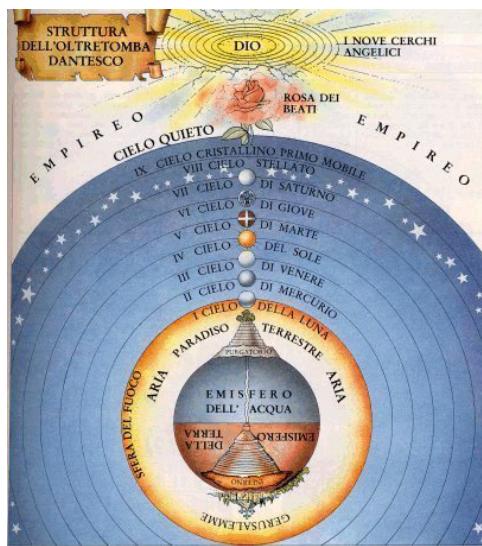
<sup>10</sup> Citação de P. Shubring em “Illustrationen zu Dantes Göttlicher Komödie” (Zurique, 1931).

Ao colocar-se no epicentro de todas as tensões da imanência e transcendência do que constitui o humano, da revelação pela fé e da razão aristotélica, da contemplação do inefável e do sensível mais imediato ao corpo natural, Dante realiza uma ponte e um deslocamento de perspectiva do olhar sobre o humano.

Como vimos, Dante se consolida como uma imponente figura precursora do humanismo renascentista de Petrarca e Boccacio, porém é com sua canônica passagem da Máquina do Mundo, e sua abertura, no fecho da *Divina Comédia*, que ele lança seu potente presságio dos humanismos vindouros e suas tribulações. De longa glosa, a passagem da abertura da Máquina do Mundo se consolidará como referência canônica a ser atualizada por nomes como Camões, Drummond, Borges e Haroldo de Campos em um processo de influência poética e, também, de desenvolvimento, contestação e negação das potências humanistas que, já lá, no Canto XXXIII do *Paraíso*, se encontram em com força inaudita.

## 5 O presente da Máquina: dádiva e revelação

A Máquina do Mundo chega a Dante em sua herança ptolomaica, de onde o poeta guarda seu desenho original, suas camadas e articulações. E, de Ptolomeu, Dante também herda seu geocentrismo: a Terra ao centro, os céus acima. Nesses dois eixos, o horizontal, posicionando a Terra ao centro, e o vertical, posicionando-a abaixo das camadas divinas, se constrói a geografia que irá ser desbravada pelo personagem Dante, em seu corpo humano. Ao poeta, é permitido percorrer todo o cosmos, saindo da mundana floresta ao limbo da descrença; dos círculos profanos da queda às elevações das ideias e anjos, para, ao fim da sua jornada, receber a revelação mística do funcionamento perfeito desse todo.



**Figura 1.** “Estrutura da vida após a morte de Dante: orbe terráqueo rodeado de ar, a esfera de fogo, os nove céus do Paraíso e o Empíreo”. Representação da estrutura cosmológica Dantesca, com fortíssima influência ptolomaica. Artista desconhecido. (Fonte: commons.wikimedia.org).<sup>11</sup>

Como ilustrado na figura, podemos ver, ao centro, em vermelho, a cratera dos círculos do Inferno, criado pelo advento da queda. Acima, a montanha do Purgatório que leva ao primeiro dos nove círculos do Paraíso. E, por fim, os nove círculos que conduzem ao Empíreo, formando um todo vertical do seu cosmos. Assim, para Dante, a desvelação<sup>12</sup> da Máquina se

<sup>11</sup> Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Struttura\\_dell%27oltretomba\\_dantesco.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Struttura_dell%27oltretomba_dantesco.jpg). Acesso em 1 set. 2023.

<sup>12</sup> Desvelar, ou seja, tornar conhecido, trazer à superfície, retirar o véu que ora cobria o que depois foi exposto. Este termo me parece adequado para tratar do momento de surgimento da Máquina, pois, em Dante e, posteriormente, na tradição canônica por ele iniciada, o surgimento da Máquina se dá por um processo de *desocultação*. Aqui, podemos aproximar o sentido de revelação cristã ao desvelamento/*desocultação* que Heidegger atribui ao conceito de verdade grega *Alétheia* e que, segundo a interpretação fenomenológica proposta pelo Prof. Jaa Torrano, em seu estudo “O Mundo como Função das Musas” (Torrano, 2009) é conceito que se define pelo binômio desocultação-verdade, da mesma forma que o é o pensamento mítico-religioso que rege a abertura da máquina dantesca.

dá como a culminação e dádiva de um longo trajeto de ascensão espiritual e de tomada de conhecimento do todo. Dádiva, pois o desvelamento da Máquina, junta em si a característica de ser ofertada ao poeta e de ser algo maravilhoso e deleitante. E ápice, porque esta dádiva se dá como culminância do longo trajeto percorrido pelo poeta. Na *Comédia* dantesca, o Mundo se encontra tripartido entre a cratera do Inferno, o monte do Purgatório e a altura do Paraíso. Esses três lugares servem antes de tudo como marcos da caminhada purificadora pela qual Dante passa (sob julgo do seu deus onisciente), a fim de ser merecedor da revelação da Máquina e contemplação da Trindade, em uma teofania máxima. Como nos mostra Beatriz, já no fecho do *Purgatório*, no canto XXX:

E os seus passos volveu por via errada  
seguindo falsas imagens do bem  
que nunca cumprem a promessa dada.

Nem me valeu o afã com que também  
em sonhos e mais inspirações, prementes,  
o revoquei, tal foi o seu desdém!

Tanto, também, que demais expedientes  
Vão teriam sido pra a sua salvação,  
afora os exemplos das perdidas gentes.

Pra tal, dos mortos descí à nação,<sup>13</sup>  
e a quem o trouxe,<sup>14</sup> da mais funda grota  
Até cá, em pranto pedi proteção.

A divina justiça seria rota  
se o Letes se varasse, e seu deleite  
fosse gostado sem alguma cota

de constrição que as lágrimas sujeite.<sup>15</sup>  
(Dante, 2010, *Purgatório*, p. 200)

<sup>13</sup> “Desce à nação”, o Inferno.

<sup>14</sup> “E a quem o trouxe”, Virgílio.

<sup>15</sup> “De constrição que as lágrimas sujeite”, de constrangimento. No original se diz: *di pentimento che lagrima spanta; di pentimento*, ou seja, do arrependimento, mais literalmente. Embora o professor Italo Mauro, tradutor desta versão citada, encontre

A purificação, aqui, se dá pelo arrependimento e não pela catarse,<sup>16</sup> como na tragédia clássica grega. Esta é uma viagem profundamente pessoal e com anseios teológicos, ademais se justifica na grandeza absoluta de um deus que aponta a “verdadeira via” e pode afastar o homem da via errada, da selva escura e “das falsas imagens do bem”.

Este deus é um deus perfeito – e a sua perfeição é reiteradamente apontada na numerologia simbólica do “3” na *Divina Comédia* ou na geometria dos círculos no paraíso que a este deus remetem – ou a perfeição suprema, que encontrasse absolutamente fora o alcance do humano. Assim, a Máquina do Mundo dantesca se manifesta na ideia de uma ordem universal e perfeita, resumindo-se por completo na própria figura de Deus, à representação de um único ser supremamente superior, origem de tudo o que existe.

Pois, ao fim das contas, a Máquina do Mundo dantesca é nada além do que o engenho máximo dessa potência criadora. A representação física e humana desta cosmologia é a tentativa de apreensão daquilo divino que seria possível ao nosso nível de entendimento. Portanto, para Dante, se faz necessário ao nosso nível de entendimento, que tal perfeição divina seja representada na relação perfeitamente simétrica do número 3 e, através desta simetria, representar as inter-relações entre pecado e virtude, entre bem e mal.

No número 3, está a ideia da completude, da unidade na heterogeneidade,<sup>17</sup> do círculo, que é a forma constituinte de todos os níveis cósmicos, sendo este a forma geométrica onde todos os pontos se encontram em igual distância do seu centro, isto é, de Deus. Ainda sobre os limites do entendimento, vale frisar como, desde os matemáticos gregos e egípcios, o círculo é a forma matemática inexplicável pela própria matemática humana, se postulando, em sua constituição, um

---

sucessivamente saídas espetaculares para manter a potência e sentido do texto original sem perder a *terza rima*, aqui se faz necessário citar o original.

<sup>16</sup> Catarse, termo que provém do grego *kátharsis* e é utilizado para designar o estado de libertação psíquica que o ser humano vivencia quando consegue superar algum trauma como medo ou opressão através da vivência indireta da experiência. Foi usado por Aristóteles em suas considerações acerca das tragédias gregas e sua potencialidade de liberar catarse na audiência através do sofrimento dramatizado.

<sup>17</sup> Interessante notar como este é exatamente o sentido semântico de uni-verso.

número infinito de lados. Já que mesmo sua fórmula matemática é habitada por um dos maiores mistérios numéricos, não resolvível pelas regras do próprio jogo matemático: a constante circular, irracional e infinita, de  $\pi$ .

Portanto, é fácil perceber como qualquer vislumbre dessa entidade se daria como uma dádiva absoluta. Contudo, essa dádiva é efêmera e intangível. A apresentação da Verdade ao poeta é antes de caráter revelatório e tomado pela fé. Sabe-se como verdadeiro a Verdade, mas não a se entende. Ela é, por inteiro, supra-humana e ultrapassa toda possibilidade de entendimento, mas cabe ao poeta o dever de comunicar aquilo que não pode ser expresso pela linguagem.

## 6 Para além do Paraíso

O *Paraíso* começa no topo do Monte Purgatório, no chamado “paraíso terrestre”,<sup>18</sup> quando Dante o alcança ao meio-dia de uma quarta-feira, após o domingo de Páscoa – a jornada da personagem pelo *Paraíso* leva, ao todo, 24 horas, o que indica que toda a jornada da *Divina Comédia* decorre em uma semana, de uma quinta-feira à noite à próxima quinta-feira à noite. Depois de ascender através das esferas de fogo presentes na parte superior da Terra, Beatriz guia Dante através das 9 esferas celestes, em direção ao empíreo, a morada de Deus. (Diferente das esferas celestes, concêntricas e materiais, o Empíreo não é material. Aqui, se repete o padrão numérico de toda a *Divina Comédia* em seu metro e estrutura cosmológica de 9 + 1.).

Durante sua jornada de ascensão, Dante conversa com várias almas abençoadas e diz que todas vivem em êxtase partilhado com Deus.<sup>19</sup> A personagem continua sua ascensão até chegar ao nono círculo do *Paraíso*, o *Primum Mobile*. Esta é a última esfera do universo físico, como cosmos, e é movido diretamente por Deus pois, é através do seu movimento, que todas as esferas inferiores também se movem:

<sup>18</sup> Paraíso terrestre ou Jardim do Éden.

<sup>19</sup> Enquanto as estruturas do *Inferno* e do *Purgatório* foram baseadas em diferentes classificações de pecado, a estrutura do *Paraíso* é baseada nas quatro virtudes cardeais – Prudência, Justiça, Temperança e Fortitude – e nas três virtudes teológicas – Fé, Esperança e Caridade.

E este Céu outro lugar não tem  
que na Mente Divina, onde se acende  
o Amor que o volve, e a nós chove também.

Luz e Amor, em seu círculo, o comprehende,  
assim como este os outros, e esse cinto  
Aquele só que o cinge é Quem o entende.

Moto outro algum o seu dispõe: distinto  
é cada qual pelo seu, como o dez  
medido por seu meio por seu quinto  
(Dante, 1998, *Paraíso*, p. 191)

O *Primum Mobile* é a morada dos anjos e, aqui, Dante vê Deus como um ponto de luz intensamente brilhante, cercado por nove anéis de anjos.<sup>20</sup> Beatriz explica para o poeta a criação do universo e o papel dos seres celestiais. E é neste ponto que Dante ascende ao Empíreo.

A partir do *Primum Mobile*, abaixo, Dante, por fim, começa sua ascensão para o reino para além da existência material. Beatriz é, então, transformada, aparecendo com uma beleza ainda maior do que antes e Dante é envolto por Luz, a fim de torná-lo digno para a revelação.

É neste momento, no canto XXXI do *Paraíso*, que Dante vê uma rosa enorme, simbolizando o amor divino, cujas pétalas são as almas dos fiéis. Todas as almas que ele viu no céu, incluindo Beatriz, encontram morada nessa rosa. Anjos voam ao redor dela como abelhas, distribuindo paz e amor e Beatriz, agora, retorna ao seu lugar na rosa. A separação física de Dante e Beatriz guarda o significado que, agora, Dante passou para além do alcance da teologia – nem mesmo esta será capaz de chegar até a revelação da Trindade – e estará a contemplar diretamente Deus. Aqui, São Bernardo toma o lugar de Beatriz, como um guia contemplativo místico.

## 7 A abertura da Máquina do Mundo

Após se separar da sua amada para ascender junto a São Bernardo acima das nove esferas celestes, Dante se encontra no Empíreo, última

---

<sup>20</sup> Canto XXVIII.

região na estrutura do *Paraíso*, que está para além do entendimento da própria Teologia e é a casa do Deus e da Virgem. É aqui que acontece a revelação mística ao personagem.

Na citação: “Creio que a forma universal inteira vi desse nó” (Dante, 2003, p. 774).

Este nó é a revelação da Santíssima Trindade em um “tríplice círculo”. Dante anseia pelo entendimento do mistério da Trindade e da união entre a natureza humana e a divina, porém tal meta é irrealizável *pelo entendimento*. O “verbo humano” é a razão do entendimento, é a razão clássica que o poeta chama inicialmente para si na figura de Virgílio, mas que, por fim, se mostra impotente para acessar a revelação mística.

E o que eu vi, desde então, na imensidade  
Transcendeu quanto o verbo humano intente:  
Cede a memória a tanta majestade  
(Dante, 2003, *Paraíso*, p. 780).

Aqui, vale frisar a importância de “cede a memória”, onde Dante salienta a impotência do discurso organizado para a descrição do todo transcendente. A memória é incapaz de conter ou organizar o acontecimento que se desvela, portanto, em última instância, é inócuia para a elaboração de um *logos* verbal de entendimento desse acontecimento, e, ainda antes, é insuficiente como matéria satisfatória para o canto poético em sua potência de presentificar o acontecido. Lembremos da origem da memória como potência divina, Mnemósine<sup>21</sup> – divindade-mãe geradora das Musas, e estas, geradoras do canto poético – tão central para o conceito grego de verdade/ desocultação: *alethéia* e que, conforme desenvolvo melhor em meu trabalho “O nome das musas: desocultação e presença no canto de Hesíodo” (Athayde Fraga, 2012):

Cantar é ordenar, é escolher da infinitude o finito, é presentificar algo da eterna mente de Zeus (ou Deus, aqui). Assim, devemos nos lembrar, também, do papel da Memória como origem das Musas.

A Memória irá ser a regra da infinitude, ela é a enumeração e, principalmente, é nela, em seu campo, que as coisas

---

<sup>21</sup> Mnemósine, divindade-mãe geradora das Musas, geradoras do canto poético.

podem presentificar-se. Ao enumerá-las no presente, a Memória previne ou resgata as coisas do óblio, do esquecimento, do reino do não-ser. A Memória é uma pulsão organizadora do discurso, e desta palavra tão imprescindível a todo o labor artístico na Grécia Arcaica: *alétheia*. Devemos compreender, portanto, que a Memória – como sua potência material e divina, *Mnemósine* – é uma função viabilizadora do canto (Athayde Fraga, 2012).

Portanto, a coisa “ofertada” a Dante não é o entendimento da Máquina. Na *Divina Comédia*, não há essa nomeação direta do tema, e essa revelação final pelo “tríplice anel” é inherentemente avessa àquela que aflige Vasco da Gama no cume do monte, ao fecho de *Os Lusíadas*. Aquilo que se revela é a verdade mística de Deus, um deus fora do mundo, inefável (como nos legou a tradição monoteísta e católica em particular) e não o funcionamento e as leis regentes do mundo natural.

Como a pessoa que o sono surpreende  
e só a paixão guarda do sonho, impressa  
na mente, donde o resto se desprende  
(Dante, 1998, *Paraíso*, p. 231).

O deus de Dante está fora do mundo e não se dá a conhecer por intermédio das coisas, uma vez revelada sua imagem, o poeta não pode tornar a concebê-la pela “mente”. Esta é a realidade da razão pré-humanista, antes da centralização do entendimento e antes da crença no conhecimento do todo, através do exame da razão sob as coisas do mundo. Um deus fora do mundo é um deus não-concebível.

Porém, o entendimento pela razão ainda não é a meta de uma revelação final no *Trecento* italiano:

Bernardo, me acenando me induzia,  
a olhar pra cima, mas eu já fizera,  
por mim aquilo que ele me pedia;  
  
que minha vista, pura já como era,  
mais e mais penetrava no fulgor  
da Luz Suprema, que por si é vera

Daí a minha visão foi superior  
à palavra, que ao seu primor se rende,  
qual a memória ante o fato maior.  
(Dante, 1998, *Paraíso*, p. 231).

“Toda a Verdade” é algo que está contido na Trindade, que uma vez revelada não pode ser retomada sequer pela linguagem ou pensamento. O entendimento é o entendimento da natureza divina:

Ó Suma Luz que, tanto dos errantes  
mortais, te elevas, ora à minha mente  
um pouco reapareças como dantes,  
  
e faça minha língua tão potente  
que uma centelha apenas da tua glória  
possa deixar para a futura gente  
(Dante, 1998, *Paraíso*, p. 231).

## 8 Considerações finais

A poesia marca seu caminho na história de forma que dificilmente intuímos em um primeiro momento. Podemos pensar que o problema da derrota do pensamento humano é alheio a Dante e sua obra, mas é exatamente no seio do cristianismo medieval, regido pelo Tomismo na ética e nas ciências, que o poeta, paradoxalmente, concebe uma obra precursora do Renascimento e seus desdobramentos. A (Divina) *Comédia* se mostrou para o homem moderno não só a maior de todas as epopeias, como a mais idiossincrática dentre elas. Como uma obra religiosa e cristã, ela centraliza a figura do homem, um homem que atravessa com sua consciência toda a arquitetura celestial. Este homem, claro, é Dante.

Em sua epopeia, o poeta ocupa o lugar do herói, da nação e do povo. Dante abandona de forma silenciosa e sem aflição os modelos antigos e se joga, verdadeiramente, em uma aventura de descobrimentos. Sua obra não será modelo para os séculos vindouros, somente pela sua perfeição e ineditismo formal em *terza rima*. Mas, a figura do homem, em Dante, transborda uma nova força que, logo após pedir que lhe

conceda “uma centelha da sua gloria”, se põe diante da própria divindade nos seguintes termos:

que, por bastante voltar-me à memória,  
e nestes versos um pouco soar.  
mais poderá entender-se a tua vitória.  
(Dante, 1998, *Paraíso*, p. 232).

Esta é a aurora do humanismo, a visão dos raios que escapam do centro da terra e se estendem até o céu superior é um prenúncio verdadeiro e potente porque, embora ainda não visto, é o sol que irradia calor e luz. Se sua ascensão será também o prenúncio da sua queda, em seus círculos eternos, devemos confiar antes na profecia estática do poeta, que não via no sol um deus e, louvando ao seu deus uno, cantava primeiro a si mesmo:

Mas, como, olhando, a vista se alentava,  
A Imutável Essência parecia  
Mudar, quando só eu me transformava.  
(Dante, 2003, *Paraíso* p. 780).<sup>22</sup>

## Agradecimento

Agradeço ao professor Marco Bortolato, polímata invejável, por sua leitura, comentários e discussões enriquecedoras.

---

<sup>22</sup> Aqui, para a estrofe 111 do canto, preferi citar, ao contrário do decorrer do texto, o grande achado tradutório da versão de Jose Pedro Xavier Pinheiro, que em meus anos de colegial me foi gravado na memória como um grande atestado da beleza da poesia de Dante ainda em tradução. Na versão, mais largamente usada neste artigo, a de Italo Eugenio Mauro, se lê:

mas porque a minha vista, enquanto eu olhava,  
ia se afinando e a mesma una aparência,  
com o meu mudar a mim me transformava.  
(Dante, 1998, *Paraíso*, p. 233)

## Referências

- ARISTÓTELES. *Física I e II*. Tradução de Lucas Angioni. São Paulo: Ed. UNICAMP, 2009.
- FRAGA, Danilo Augusto de Athayde. O nome das musas: desocultação e presença no canto de Hesíodo. *Desenredos*, v. 4, n. 14, 2012. Disponível em: [https://www.academia.edu/4683407/O\\_nome\\_das\\_musas\\_desoculta%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_presen%C3%A7a\\_no\\_canto\\_de\\_Hes%C3%ADodo](https://www.academia.edu/4683407/O_nome_das_musas_desoculta%C3%A7%C3%A3o_e_presen%C3%A7a_no_canto_de_Hes%C3%ADodo). Acesso em: 16 abr. 2024.
- CHASTEL, André. *Arte e Humanismo em Florença – na época de Lourenço, o Magnífico: Estudos sobre o renascimento e o Humanismo Platônico*. Tradução Dorethée de Bruchard. Introdução e notas Luiz Marques. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- CÍCERO. *Dos Deveres*. Trad. Angélica Chiapeta. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DANTE, Alighieri. *A Divina Comédia*. Tradução e notas Italo Eugenio Mauro; prefácio de Carmelo Distante. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- DANTE, Alighieri. *A Divina Comédia*. Tradução José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo: Fonte Digital, 2003.
- DANTE, Alighieri. *A Divina Comédia – Inferno*. Tradução Jorge Wanderley; prefácio de Marco Lucchesi. São Paulo: Abril, 2010.
- DANTE, Tringali. O humanismo poético: *Dante Alighieri. Revista de Letras*, v. 23, p. 89-96, 1983.
- TORRANO, Jaa. O Mundo Como Função de Musas. In: *Teogonia: A origem dos Deuses*. São Paulo: Iluminuras, 2009.